



Trabalho (no) Feminino: (1850-1926) - Histórias dos Açores

Mulheres Singulares

Alice Moderno (Paris, 11/08/1867 – P. Delgada, 20/02/1946). Poetisa, escritora, jornalista, editora, professora, empreendedora e benemerita, Alice Augusta Pereira de Melo Maulaz Moniz Moderno, nasceu na capital francesa, mas aos 9 anos, veio, com a família, para Angra do Heroísmo, mudando-se, aos 16, para P. Delgada, onde se fixou. Era filha do médico e comendador João Rodrigues Pereira Moderno e de Celina Pereira de Melo Maulaz Moderno, ambos descendentes de emigrantes no Brasil, país onde nasceram e casaram. O pai (segundo a própria) era muito sanguíneo e colérico, “mal educado” e enfurecia-se por qualquer futilidade, mas a mãe, que viria a radicar-se em Boston, junto dos outros dois filhos, era uma mulher sensível e culta. A irmã, Maria Moderno tinha negócios nesta cidade americana e o irmão, Luís Rodrigues Moderno, era médico odontológico, conceituado entre a comunidade portuguesa desta região dos EUA.

Alice Moderno foi educada segundo os valores da época, mas o seu gosto pelo conhecimento, bem como a sua invulgar inteligência, fizeram dela uma “mulher moderna”. Aprendeu a ler com a mãe e foi através da leitura e da escrita que moldou a sua personalidade. Aos 18 anos, matriculou-se e frequentou o Liceu, sendo a primeira mulher a penetrar neste universo masculino micalense. Depois, veio a cursar o magistério primário, tornando-se independente. Segundo C. Vilhena, Alice namorou o poeta Joaquim de Araújo (1892-1894), mas não chegaram a casar. Como refere C. L. Duarte, a poetisa e escritora viria a ser considerada uma excêntrica “pelo seu gosto pela camisa branca, com colarinho e gravata preta, acompanhado por chapéu masculino e bengala. Na década de 40, era vista pela manhã nas ruas da (...) cidade, fumando charuto, a passear um cãozinho pela trela”.

A sua estreia literária deu-se em 1883, ao publicar o poema “Morreu”. Três anos depois, deu ao pelo *Aspirações*, o seu primeiro livro de poesia. Até 1930, seguiram-se muitos outros, tanto em prosa, como em verso. Destacamos *O Dr. Luís Sandoval*, romance (1892); *Os Mártires do Amor*, poesia (1894); *Asilo de Mendicidade*, poesia (1897); *Açores. Pessoas e Coisas*, prosa (1901); *A Apoteose*, teatro (1910); *Versos da Mocidade*, poesia (1911); *A Voz do Dever*, teatro (1915); *Trevos*, poesia (1930). Em 1888, fundou e dirigiu o seu primeiro jornal, O Recreio das Salas, no qual colaboraram Antero de Quental, Maria Amália Vaz de Carvalho, Alfredo de Mesquita, Joaquim de Araújo e Francisco Maria Supico. Apesar de efêmero, foi um periódico de qualidade, afeto a tudo o que respeitasse ao progresso e à instrução. Com a sua extinção, Alice tornou-se diretora do *Diário de Anúncios* (1891-1893) e, mais tarde, veio a fundar o jornal *A Folha* (1902-1917), veículo de divulgação de ideias feministas e políticas. Ao contrário do estereótipo feminino do seu tempo, optou por uma carreira multifacetada e por uma intervenção cívica em várias frentes, nas quais se incluiu a política e o ativismo feminista. Em finais de oitocentos, interveio na questão autonómica, acompanhou o combate entre republicanos e monárquicos, vindo, com a mudança do regime, a inscrever-se no Partido Republicano Democrático. Como jornalista, nunca se alheou da vertente política que considerava uma dimensão fundamental do ser humano, defendendo ideias democráticas, bem como o sufrágio universal. Apesar de ter sentido admiração pela Monarquia Constitucional e, em especial, pelos monarcas que visitaram os Açores, acabou por se tornar uma crítica do regime, sendo uma admiradora confessa de Teófilo Braga.

Além da atividade literária e jornalística, Alice Moderno deu lições particulares de português e francês e chegou a exercer o magistério no Colégio Açoriano e no Sindicato dos Empregados do Comércio e da Indústria de Ponta Delgada. Com cerca de meio século de vida, ainda se transformou numa mulher de negócios, vendendo produtos hortícolas cultivados nas suas propriedades da Fajã de Baixo e dedicando-se à exportação de ananases, de chá e outros produtos regionais, enquanto importava mercadorias americanas e europeias, representando diferentes marcas e casas comerciais. Ao mesmo tempo, era agente de seguros. Além da dedicação ao trabalho (que muito valorizava), a sua faceta benemerente traduziu-se no apoio aos mais desfavorecidos, em especial, os animais, vindo a fundar e a presidir à Sociedade Protetora de Animais de Ponta Delgada (1911). Por testamento, deixou à Junta Geral uma parte dos seus bens, com o objetivo de garantir a edificação de um Hospital Veterinário. Foi ainda fundadora do Sindicato Agrícola Micalense e, embora não o tenha previsto, uma parte do seu património foi vendida, pela Junta, para aquisição do edifício da Casa do Gaiato, nas Capelas.

Enquanto ativista e feminista, Alice Moderno pertenceu à Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, à Associação de Propaganda Feminista e à Associação Feminina de Propaganda Democrática. Colaborou com inúmeros periódicos e revistas regionais e nacionais, como, por exemplo, a *Alma Feminina*, órgão do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Deixou versos publicados em numerosas línguas, colaborou em obras de homenagem a Antero e Teófilo, traduziu Camões para francês, pertenceu ao Instituto Camoniano de Coimbra, à Sociedade Literária Almeida Garrett, à Sociedade de Geografia de Lisboa e à instituição italiana Luigi Camoens.

Susana Serpa Silva



▶ Alice Moderno na companhia de Evelina de Sousa e dos seus cães, no balcão de casa. *Album de Alice Moderno*. Col. Particular. Digitalizado pelo ICPD.



▶ Alice Moderno (de vestido estampado) e Evelina de Sousa (à sua direita), na Vila das Acácias. *Album de Alice Moderno*. Col. Particular. Digitalizado pelo ICPD.

Recomendamos a leitura

A figura, ação e obra de Alice Moderno não são propriamente desconhecidas da historiografia insular, nomeadamente a micalense. E, nos últimos cinco anos, trazida à luz do dia através de exposições, palestras e até teatro.

No entanto, se pretender aprofundar o seu conhecimento sobre esta mulher que viveu entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, recomendamos algumas leituras.

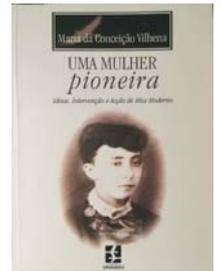
Incontornáveis são as obras de Maria da Conceição Vilhena, como *Uma Mulher Pioneira: ideias, intervenção e ação de Alice Moderno*, de 2001, ou *Alice Moderno: a Mulher e a Obra*, de 1987. De salientar ainda, entre os muitos outros trabalhos desta historiadora sobre Alice Moderno, a obra *Joaquim de Araújo: diálogo epistolar com Alice Moderno: da literatura ao amor frustrado*, editado em 2008. É de referir, também, que parte da correspondência de Alice Moderno que serviu de base para a elaboração destes trabalhos ardeu o incêndio da reitoria da Universidade dos Açores, a 12 de junho de 1989. Felizmente, recentemente tem sido recuperada nova documentação acerca de Alice Moderno, que nos permite lançar novas abordagens sobre a sua figura.

Não é desprecioso referir, ainda, artigos diversos publicados em revistas insulares, como na revista madeirense *Islenha* (1990, n.7), ainda por Maria da Conceição Vilhena, ou ainda na revista micalense *Insulana* por Fernando Aires (1985, vol.41) e Miguel Soares de Albergaria (2005, vol.61) e na revista do *Instituto Histórico da Ilha Terceira* (1986) por Maria da Conceição Vilhena.

Mais recentemente, a realização de uma exposição dedicada a Alice Moderno, em 2015, pela Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, daria origem a um catálogo publicado naquele ano pela Direção Regional da Cultura, intitulado *Alice Moderno. 1867-1946: cidadania e intervenção*. E em 2020, Joana Couto e Vitória Raposo publicaram um artigo intitulado *Alice Moderno e Maria Evelina de Sousa: mulheres a frente do seu tempo*, resultado de participação num colóquio.

Boas leituras!

Cristina Moscatel



Sabia que...

Em Portugal, a feminização do mercado trabalho evidencia-se sobretudo após o 25 de abril de 1974. Embora a proporção de mulheres tenha tido um aumento exponencial nos cargos de gestão de empresas e também de liderança política, na viragem do século XX para o século XXI, a evolução tem sido muito lenta. Se olharmos para o caso Açores, verifica-se um acréscimo de participação das mulheres no mundo do trabalho remunerado de 15% em 1981 para 43,1% em 2011 (Rocha & Diogo, 2020). Porém, quando observamos a situação no mundo dos negócios, analisando dados da PORDATA, relativos a 2018, verifica-se que apenas 2,62% são empresárias, de um total de 24 184 mulheres trabalhadoras, um valor muito inferior aos 4,75% de empresários homens.

Ao nível nacional, de acordo com o INE (2013), em 2011, apenas 6% de mulheres integravam os conselhos de administração das 20 maiores empresas portuguesas cotadas na Bolsa de Valores de Lisboa. E, segundo o Relatório Mundial sobre a Desigualdade de Género (2020) realizado pelo Fórum Económico Mundial, em dezembro de 2019, a taxa de feminização em cargos de direção nas empresas portuguesas era de apenas 16,2%.

De acordo com a 3.ª edição do Índice *Mastercard* de Mulheres Empresárias que se baseia em dados públicos de organizações internacionais como a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a UNESCO e o *Global Entrepreneurship Monitor*, que quantifica a percentagem de empresárias entre todos os proprietários de negócios do país, Portugal não está mal posicionado pois 30,2% das portuguesas são proprietárias da sua empresa (10ª posição de 58 mercados analisados).

No panorama internacional, nas 500 empresas listadas pelas revistas *Forbes* e *Fortune*, em 1998, a representação feminina mundial de CEO era de apenas uma mulher e, em 2020, essa representação era de 7,38% (38 mulheres).

Persiste o conhecido “teto de vidro” que muitas vezes bloqueia o acesso das mulheres a cargos de chefia de topo e a cargos de poder.

Daniela Soares e Nzina Oliveira